

**IDIOSSINCRASIAS NIILISTAS NO SERTÃO BAIANO:
Wilson Lins e as políticas da “boa vontade”
NIHILISTIC IDIOSYNCRASIES IN BAHIA’S OUTBACK:
Wilson Lins and the policies of “good will”**

Roberto Sávio Rosa¹
Raíke Barone Costa Santos²
José Patrício Pereira de Souza Neto³

RESUMO: O objetivo do presente ensaio é apontar como intuições Filosófico-literárias conseguiram arrebatrar, por meio de lampejos e traços, o inefável descomunal partícipe da condição humana e como o esforço empregado, na busca por definições e esclarecimentos, pavimentou e familiarizou, às avessas, os pastores do povo quanto à triste valoração dos caracteres que insistem em dissimular. Para a execução do propósito requeremos o auxílio da cartografia singular de nautas corajosos. A navegação empreendida objetiva singrar os mares inóspitos do niilismo de Dostoiévski a Nietzsche em direção ao ancoradouro receptivo de Wilson Lins.

Palavras chave: Niilismo. Política. Idiosincrasia. Wilson Lins.

ABSTRACT: The goal of the present essay is to point out how Philosophical-literary intuitions managed to root out, through glimpses and traits, the ineffable gargantuan participant of the human condition and how the effort employed, in the search for definitions and clarifications, paved and familiarized, in reverse, the shepherds of the people as to the unfortunate praise of the figures they insist on disguising. To execute the purpose we require the help of the unique cartography of courageous sailors. The navigation undertaken aims to cross the inhospitable seas of nihilism from Dostoyevsky to Nietzsche towards the receptive anchorage of Wilson Lins.

Keywords: Nihilism. Politics. Idiosyncrasy. Wilson Lins.

A enxurrada, cada vez mais contundente, de manifestações protonacionalistas em território brasileiro tomou de assalto a pauta dos articulistas da cultura e facultou a emergência de idiosincrasias que se acreditavam superadas. Em meio ao enxurro dos horrores, das obscuras e violentas purgações, um flagelo exigiu destaque, levando de arrasto os frágeis critérios da razoabilidade. Alçado à crista da voga, o desprezo incontestado do discernimento serviu para colocar a perícia dos nautas, condutores do processo *civiliza-*

¹ Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA). Coordenador do Projeto de Pesquisa *Wilson Lins: o demiurgo artesanal que entrelaçou Goethe, Nietzsche, sertão e canção*, com registro SEI n. 073.6770.2020.0007700 – 15 e pesquisador integrante do Projeto de Pesquisa *Filosofia política italiana. A propósito da relação entre niilismo e política*, coordenado pelo Prof. Dr. Luis Hernán Uribe Miranda da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8441-9762>. E-mail: savio@uesc.br

² Discente do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista no Programa de Iniciação Científica UESC-PROPP-ICB. E-mail: rbcasantos.flis@uesc.br

³ Discente do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista no Programa de Iniciação Científica UESC-PROPP-FAPEB. E-mail: jppsouza.flis@uesc.br

a-dor em questionamento. A insurreição em curso – tendência irracional e destruidora – forçou o abandono dos instrumentos e maquinações forjados com grande esforço e, em substituição às (*im*)precisões consoladoras da Filosofia, elevaram-se os prognósticos rigorosos e absolutos dos *homens de boa vontade*.

Sua mensagem? Liberdade e violência purificadora sob os auspícios do extramundano. Manifestação de impulso desenfreado amparada em predileções obscuras e desoladoras, até então adestradas a permanecer em pântanos inacessíveis onde reina a sujidade. Precisamente, obsessão de levar às últimas consequências um modo de estar ressentido, rancoroso e avassalador. Positivo(?), negativo(?), que importa, aos que se encontram sob a pressão das tenazes da malta distanciada da ilustração! Em mares borrascosos o cordame das velas se faz importante para amainar os efeitos da procela. Portanto, caro leitor, muita atenção, pois suspeitamos de timoneiros que apontam tal direção e, às avessas, repudiamos o cultivo e trato de questões abissais, como se entretenimento obscurantista fossem, lembrando sempre, desconfiados, o vaticínio olvidado manifesto por Camus:

No começo dos flagelos e quando eles terminam, faz-se sempre um pouco de retórica. No primeiro caso, não se perdeu ainda o hábito, e no segundo, ele já retornou. É no momento da desgraça que a gente se habitua à verdade, quer dizer, ao silêncio (CAMUS, 1993, p. 82-3).

Todos aqueles que aspiram auscultar as movimentações insurgentes da *intelligentsia* acadêmica nacional tem ciência, que aludimos ao estorvo do **niilismo**, *visita desagradável que haveria de partir um dia, já que tinha vindo* (Idem, p. 67). Entretanto, o simples fato de referi-lo em termos especulativos – historiado e justificado – entrelaçando argumentos solidamente arquitetados e referindo autores consagrados⁴, não exauriu e tampouco favoreceu, suficientemente, a experiência do esclarecimento a ponto de evitar e prevenir o advento da propagação indigesta e, ainda, minimizar a potência empregada ao extravasar. O objetivo do presente ensaio é apontar como intuições Filosófico-literárias⁵ conseguiram arrebatá-lo, por meio de lampejos e traços, o inefável

⁴ Duas referências recorrentes: *Il nichilismo europeo*: Frammento di Lenzerheide, Nietzsche, junho de 1887 e *Il nichilismo europeo*, Heidegger, 1940 e reelaborado em 1961. Ambos editados pela Adelphi Edizioni.

⁵ Em *Ponta de lança*, livro contendo artigos de Oswald de Andrade produzidos entre 1943-44, encontramos o incentivo necessário que, esperamos, consiga fundamentar nossa construção. Afirma o autor: “**O Romance**

descomunal partícipe da condição humana e como o esforço empregado, na busca por definições e esclarecimentos, pavimentou e familiarizou, às avessas, os pastores do povo quanto à triste valoração dos caracteres que insistem em dissimular. Para a execução do propósito requeremos o auxílio da cartografia singular de nautas corajosos. A navegação empreendida objetiva singrar os mares inóspitos de Dostoievski a Nietzsche em direção ao ancoradouro receptivo de Wilson Lins.

FILOSOFIA E LITERATURA: Dostoievski e suas implicações

Difícil, muito difícil, disfarçar a mistura de sensações com a leitura *d'Os demônios* de Dostoievski. O filósofo literário russo soube, como ninguém, excitar a exposição da degenerescência humana recalcada, ao expor nossas entranhas. Exímio observador das tendências de sua época descreve com propriedade a reação advinda com a derrocada da dignidade e da conduta, até então, consideradas em conformidade com o *Bem* e justificadas por meio de práticas valoradas corretas e desejáveis. Com o falimento do propósito redentor, que prometia restituir a inocência original, por meio do artificioso mascaramento do recurso *deus ex machina* aprofunda-se o deserto implícito e o que deveria permanecer adormecido e soterrado, alheio ao nosso convívio, ressurge em erupções aterradoras. O seu modo de mencionar e entrelaçar, indica capacidade em produzir tensão ao limite, equiparando-a, com a força inexorável das epifanias pítias, terríveis manifestações que interligavam enunciação e sentenças⁶. Seria esse, caro leitor, o caso do *niilismo*?

Vindo à luz em 1872, mesmo ano do surgimento *d'O Nascimento da tragédia* de Nietzsche, quando Dostoievski atingia meio século de idade, *Os demônios* descreve, tal qual a *Paidéia* grega, porém às avessas, o processo formativo dos niilistas. Com ele iremos tomar ciência e estabelecer contato com a personagem de Stavróguin, materialização incontestada e característica “dessa tristeza sagrada que uma alma de eleição, depois de a experimentar, não consentirá jamais em trocar pelos prazeres comuns” (DOSTOIEVSKI,

é sempre um tratado de Filosofia, sem cátedra, sem terminologia especial e sem a responsabilidade de um sistema...” (ANDRADE, 1972, p. 33, grifo nosso).

⁶ A enunciação oracular comporta complexidade e geralmente incide sobre o destino do interrogante. É para ele que a palavra se faz e mostra ainda mais hesitante e vaga. Para a Sibila enunciadora a palavra é clara e certa. Já ao intérprete é repleta de particularidades abissais. A palavra, uma vez enunciada, reina absoluta enquanto sentença, como decisão inabalável.

1962, p. 35). No decorrer da trama, o filósofo russo chega a abusar de sua habilidade ao estabelecer vínculo, entre tristeza e prazer, ligação que será gradualmente hierarquizada a ponto de eclodir em práticas habituais de violência, “corrupção, pessimismo generalizado e angústia social” (ANSELL-PEARSON, 1997, p. 49). Na amarração paulatina e linear da narrativa está possível perceber a condução sutil da personagem rumo à peripécia. O que impressiona é a disposição orquestrada dos argumentos fazendo prevalecer a primazia do embaraço, descortinado e tornado verossímil, aos apologistas da racionalidade e do melhoramento. O vazio crescente que tende a se apoderar do interlocutor desavisado, reside neste jogo anfibológico em que se buscam razões e não se encontram! A incongruência perpetuada faculta o comparecimento da incompreensão do propósito - sentido e objetivo das ações - recurso recorrente de escavação psicológica, que busca desestabilizar as edificações seguras do projeto esclarecedor e denunciar o quanto está e continua distante da situação humana.

Não há necessidade de presença de espírito refinada para termos ciência de estar diante de uma literatura de tese. O que comparece em descrição genuína está sintoma do “novo princípio da destruição universal, para o triunfo definitivo das ideias sãs” (DOSTOIEVSKI, 1962, p. 84). Na sugestão indigesta, a prática de ações que violam todas as regras sociais convencionadas estão preparatórias ao surgimento do homem novo, daquele que porta o estandarte da força destruidora e prega o advento da liberdade associada à subserviência, ao medo e ao pavor! E, para o sucesso dessa empreitada, se faz necessário, ainda, um derradeiro gesto: propalar que “a verdade verdadeira é sempre inverossímil e para torná-la verossímil é preciso acrescentar um pouco de mentira” (Idem, p. 193). Equilibrando-se à beira do abismo o filósofo russo não retrocede nem estanca. Por que? Por ter ciência que agarrou o *touro pelos cornos*. Na sanha descritiva alimenta o imaginário do leitor por meio do gesto catártico liberatório, pois acredita na força persuasiva da escavação, associada à exposição minuciosa. Houve época em que a presentificação de ações, dessa envergadura, fora vedada, justamente, porque a exibição de práticas violentas poderia implicar e catapultar hordas miméticas para estragos abissais. Que o diga a repercussão da piromania de Wittemberg, que segue a desbastar e tanger o cada vez maior cândido rebanho.

Em tempos hodiernos a salvaguarda, outrora elevada, da obstrução de comparecimento de práticas abusivas foi invertida, e escancarou as portas da emulação

ressentida que busca novamente o direito de senhorear, de impor e dominar agrupamentos humanos auxiliado no garrote. Esses gregos, sempre eles, a nos chamar a atenção para a enfadonha repetição que pensamos estar novidade. Ao vincular o niilismo ao desprezível, à afronta dos costumes e às convenções, Dostoievski prepara o campo fecundo em que será lançada e cultivada, a semente insensível do parasitismo religioso, chaga ardente supurada, aberta na epiderme frágil e crédula dos desvalidos de espírito e esperançosos do messianismo prosaico, rasteiro e fundamentalista.

Não é à toa, que assistimos, com asco, aquela sucessão de ações constituintes, do grande vencedor do Oscar 2020⁷, reflexo instantâneo da condição humana. Intensificando, cada vez mais, o ardor pelo desmascaramento do flagelo aponta as características sintomáticas, as mesmas que serão posteriormente apresentadas e requeridas por Nietzsche, a respeito dos balidos e orientações de condutas.

Jamais a razão foi ou será capaz de definir o bem e o mal ou mesmo de separar o mal do bem, ainda que aproximadamente. Pelo contrário, ela sempre vergonhosa e lamentavelmente os confundiu. Quanto à ciência, forneceu apenas algumas soluções, baseadas na força brutal; e principalmente a semiciência – o mais terrível dos flagelos que já atingiram a humanidade, pior ainda que a peste, a fome, a guerra, e que só apareceu neste século. **A semiciência é um déspota e nunca se viu déspota igual, até os nossos dias. Um déspota que tem seus sacerdotes e seus escravos, diante do qual nos prosternamos com amor, supersticiosamente, diante do qual treme a própria ciência, que a semiciência ultraja vergonhosamente** (DOSTOIEVSKI, 1962, p. 224, grifo nosso).

EXÍGUAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DE BUCANEIROS LITERÁRIOS

Comumente assistimos a uma enxurrada de especulações e interpretações dos aforismos e engenhos nietzschianos digna de perplexidade. A sintonia discursiva a respeito do legado cultural do pensador alemão parece ter atingido o estatuto da evidência a ponto de facultar o surgimento de confrarias arraigadas, empenhadas em reproduzir em nossa devassada indústria têxtil, porém atenta aos rumores e apelos do pop, bravatas e estampas de um bigode espesso com os dizeres: *Nietzsche vive*. No Brasil contemporâneo, todo leitor que dedica seu tempo precioso a ler os estratagemas nietzschianos ou a perseguir suas

⁷ O filme de Bong Joon-Ho, “*Parasita*” foi escolhido como melhor filme na 92ª edição do Oscar realizada neste domingo (9.fev.2020) em Los Angeles, nos Estados Unidos.

pegadas através dos atalhos propagados em nossas instituições de ensino compreenderá, que a inflexão exaustivamente replicada em comentários, beira ao fanatismo exegetico, mimetizado a partir de modelos opacos principiados com as *cercanias hereditárias*. Talvez, em solo pátrio, estejamos fadados a querer estar, tanto ou mais germanófilos, que os próprios alemães, como insinuou nosso dramaturgo e escritor trágico brasileiro, Nelson Rodrigues.

Tal investida, segundo nossa atrofiada perspectiva, confunde e consolida um (*des*)propósito, pois em nome do rigor e exaustão terminamos por reforçar a enigmática alusão nietzschiana acerca dos espíritos imbeles, desejosos antes de tudo, em transformá-lo naquilo que mais temia, a saber, em santo ou monarca⁸. Albergados numa suposta “boa intenção”, incorporamos a missão de propalar aos confins do ignoto, sua explosiva e apaixonante *estilosofia*, sem jamais apropriarmo-nos dela⁹. A metamorfose voluntária surtiu efeito e vitaminada por certa encenação orquestrada no interior das ágoras acadêmicas, facultou o surgimento dos hagiógrafos da conveniência, fruto do hibridismo cultivado em estufas, que geralmente manifestam a predileção de recorrer, exaustivamente, ao uso de interpretações consolidadas, persistentes, mofadas e pavimentadas, para recalcar a (é)-vidente transgressão contida nas alusões nietzschianas, em busca de um sentido e objetivo comuns.

Ilusionistas do absurdo preferimos dar vazão às aleivosias metódicas, seguras e, grosseiramente, inculcar um capricho condicionado ao culto enquanto prática. Entretanto, pouco falamos a respeito das influências decorrentes de tais hábitos hermeneutas e, ainda menos, dos anônimos expoentes que ousaram ultrapassar a si mesmos em certo tempo em que a existência de especialistas se fazia rara. Quanto a esta questão, somos de parecer exíguo e simples. Se há algum aspecto fenomenal, que deveria estar ressaltado na extensa *bi(bli)ografia* nietzschiana legada aos póstumos, esse, seria o cuidado meticuloso e exacerbado que Nietzsche imprimiu enquanto estilo original de enunciar manias. “Comunicar um estado, uma tensão interna de *pathos*, por meio de acenos, incluindo o

⁸ O fenômeno tende a se fazer presente em situações inusitadas e será incorporado ao cotidiano nacional enquanto forma velada de genuflexão. Associado à *técnica do arremesso preciso* (basquete), desdenhamos nossa capacidade ao vincular perícia e êxito à santidade – *Mão Santa* -; Em outras frentes recorreremos ao elo nefasto com os invasores, reconhecendo em sua pompa, vínculos aristocráticos – *o Rei do futebol, a Rainha dos baixinhos* -. Como diz Oswald de Andrade, “temos pelo latino-americano um desprezo que participa do conhecimento de nós mesmos” (ANDRADE, 1972, p. 63-64).

⁹ Salvo raras exceções, como atesta o mais recente livro do escritor e filósofo Julio Cabrera - *Devorando Nietzsche*: por um nihilismo sul-americano, publicado em 2022 pela Via Litterarum.

ritmo desses sinais – este é o significado de cada estilo” (NIETZSCHE, 2004, p. 61). Entretanto, muito cuidado caro leitor! A tensão inerente dos manifestos não se limita, somente, ao emaranhado circundante do cuidado estilístico: vai muito além disso. Talvez, o mérito singular de Nietzsche, resida na engenhosidade fabril de libertar definições engessadas do hálito fétido que as acompanha na triste aventura da transmigração. Está a sua predileção, sua especialidade. E perseguiu, de tal modo seu afazer, que terminou eleito inquisidor perseverante e eufórico das anomalias sistemáticas, responsáveis pela pavimentação do sentido convencionado em todo tempo e lugar.

O *crepúsculo dos ídolos* que o diga! Nele habita aquela vontade destruidora dos altares da tradição, mas também a pirotecnia, a fagulha que (*re*)acenderá a fogueira das práticas teratológicas e niilistas em ações políticas mundanas que grassam ao nosso redor: “O que no título será chamado *ídolo* é simplesmente isto que até hoje se chamava verdade. *Crepúsculo dos ídolos* – em outras palavras: acabou a velha verdade...” (NIETZSCHE, 2004, p. 115). O que se faz premente é ressaltar a sintonia discursiva filosófico literária russa e a *estilosofia* nietzschiana quanto ao acontecimento em curso que resultará em desastre anunciado. Em solo pátrio o apregoamento se fez “madrugada do espírito” e a esperança – nas palavras de Mário Quintana, nada mais que *um urubu pintado de verde* – tentou alçar voo amparada em curtas asas de *galinhas verdes*. Urubus ou galinhas, o que importa mesmo é ter ciência que “as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá” (Gonçalves Dias: *Canção do exílio*).

Munidos de tais suspeitas, interrogamos: como foi possível brotar, junto ao séquito dos especializados, o agulhão hermenêutico, às avessas, que insiste em se (*re*)voltar contra o denunciante? “Para não ver coisas assim, joga meus olhos fora!” (ROSA, 1986, p. 434). Em função da organização hodierna dos cursos de formação e, pelo fato de exteriorizarmos vivências, que se encontram, praticamente, na infância, sujeitamo-nos por replicar um modelo emprestado já disposto. Em função do questionamento sugerido se faz necessário transparecer aqui, não um julgamento ingrato ou inoportuno da postura universitária preponderante. O que desejamos é acenar aos ouvidos moucos dos moços de *boa vontade*, que esse texto contributo, não apresenta a intenção do revisionismo interpretativo ou bibliográfico, muito menos a catalogação de todos os escritos e tendências acerca de comentários esparsos sobre a *estilosofia* do pensador alemão no Brasil.

Nossa pretensão, busca ampliar perspectivas respaldada na divulgação de interpretações desconhecidas dos nefelibatas e situadas à margem dos grandes centros acadêmicos. Com qual intenção? A de trazer à tona práticas políticas teratológicas recorrentes para, com elas (e a partir delas) ilustrar justificações decorrentes da recepção dos engenhos nietzschianos no Brasil, desde a Bahia. E o que pleiteamos com isso? Dar voz e vez à insinuações relegadas ao ostracismo da memória, justamente, por acreditar que possam apresentar e sugerir, por meio de recursos filosóficos e literários, interpretações contranitentes e anfibológicas. É com este espírito que reclamamos a exposição de aspectos relevantes da obra literário-filosófica de Wilson Lins, inquieta curiosidade forjada nos interstícios existenciais das justas sertanejas e ilustre remanescente da velha cepa intuitiva.

A CONTRANITÊNCIA TUPINIQUIM: Wilson Lins e as ideias de empréstimo

Ao nos debruçar sobre os textos de Wilson Lins percebemos a predominância da clarividência lúdica forjada na necessidade habitual de sua circunstância. As fecundas vigílias nietzschianas serão devoradas, assimiladas e transportadas ao contraditório mundo ocasional da vida primitiva do sertão, destituída de garantias, e irão sugerir – uma vez tomadas enquanto ferramentas de ilustração existencial - considerações acerca do manancial teórico que promoveu e suscitou a definição incipiente de brasileiro e dos afazeres insalubres das ações políticas¹⁰, precisamente, sobre a relação intrínseca entre o pensar e o apropriar, a partir do imensurável contributo teórico que antecedeu e aviltou, a ferro e fogo, nossa identidade e conformidade cartográfica. Para Lins, a caracterização de brasileiro estaria vinculada à renúncia de si. Uma vez afirmado nosso propósito parece claro que a Lins não interessava promover reflexões e especulações acerca das manifestações megalômanas do irreverente andarilho alemão, *que acreditava possuir o*

¹⁰ Em *Sagarana*, no conto *Traços biográficos de Lalino Salãthiel ou A volta do marido pródigo*, Guimarães Rosa nos apresenta a peculiaridade brasileira ao tratar do tema: **“Major Anacleto relia – pela vigésima terceira vez – um telegrama do Compadre Vieira, Prefeito do Município, com transcrições de um outro telegrama, do Secretário do Interior, por sua vez inspirado nas anotações que o Presidente do Estado fizera num antepreimeiro telegrama, de um Ministro conterrâneo. E a coisa viera vindo, do estilo dragocrático-mandológico-coactivo ao cabalístico-estatístico, daí para o messiânico-palimpséstico-parafrástico, depois para o cozinhativo-compadresco-recordante, e assim, de caçarola a tigela, de funil a gargalo, o fino fluido inicial se fizera caldo gordo, mui substancial e eficaz; tudo isto entre parênteses, para mostrar uma das razões por que a Política é ar fácil de se respirar – mas para os de casa, que os de fora nêle abafam, e desistem”** (ROSA, Guimarães, 1946-1971, p. 108, Grifo nosso).

*destino da humanidade em suas mãos*¹¹, mas apropriar-se de seu tacape, para interpelar circunstâncias ao qual estava umbilicalmente vinculado: o inóspito sertão às margens do rio São Francisco, palco das epopeias feudais tecidas na disputa política, por poder e mando e, constituídas em elemento central da ficção brasileira. Para Lins, a questão de fundo suscitada parece dizer respeito às mazelas que advém de nosso hábito cultivado de mimetizar e reverenciar os costumes bárbaros que aqui aportam. O que interessaria ao exegeta autóctone, ao mergulhar e revisar as estruturas filosóficas e literárias, de todos os credos, de conhecer suas aventuras e implicações, chegando ao ponto de imita-las em território avesso ao nascedouro, dependeria da determinação obcecada em replicar tendências sem, ao menos, considerar a possibilidade de cultivo, promoção e criação próprias. Na sanha dessa absorção indiscriminada, resultaria o abandono de si:

A confusão de todos os estilos de vida, como a de todos os estilos literários, é que caracteriza a incultura de um povo. O bizarro uso de todos os gostos denuncia de longe a ausência de cultura num povo. O Brasil dos nossos dias, como a Alemanha da mocidade de Nietzsche, é um autêntico exemplo da falta de cultura. A imitação é o nosso principal traço característico (LINS, 1945, p. 74-75).

Ao denunciar certa pusilanimidade no esforço de pensar e criar, empreendimento que refuta e desdenha *um-pôr-se-a-caminho-da-reflexão-e-produção* dos alicerces formativos de uma cultura antropofágica, Lins, prenuncia práticas corriqueiras, que instigam a cultivar angústias *extra muros* e nos impulsionam a aderir e empreender jornadas de empréstimo, a fim de torná-las excitantes. Essa *litania inextrincável* reforça nossa metabólica propensão à fabricação de simulacros e faculta a geração de hordas amorfas, dispostas a enaltecer, dissecar, catalogar e propagar *niilina*!¹² O termo cunhado cinicamente por Nietzsche alude considerações acerca do horror causado por

¹¹ Carta de Nietzsche a Heinrich Köselitz: 30 de outubro de 1888.

¹² Segundo a versão brasileira de *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro, com tradução, posfácio e notas de Paulo César de Souza, recheadas de informações profícuas, encontramos a nota (113) do capítulo sexto, intitulado *Nós, eruditos*. A fim de ilustração pegamos emprestado a passagem que segue: **“niilina”: Nihilin; neologismo formado a partir de nihil (“nada” em latim), aparentado a “niilismo, niilista”. A utilização de um sufixo que é próprio da terminologia científica faz pensar numa substância química passível de ser isolada** (Grifo nosso). Em território tupiniquim as mazelas dessa **“boa vontade” – uma vontade de negação real e efetiva da vida** -, participam de um acaso historial degradante e favoreceram ações despóticas, alheias à ilustração, que agarrada às raízes do ufanismo metamorfoseou-se em *cloroquina*!!!

[...] um ruído mau e ameaçador que vem de longe, como se em alguma parte um novo explosivo fosse experimentado, uma dinamite do espírito, uma **niilina russa** recém descoberta, um pessimismo *bonae voluntatis* [de boa vontade], **que não apenas diz Não, quer Não, mas – horrível pensamento! – faz o Não**¹³.

Nosso intuito, após orientação sobre a proveniência do estorvo, implicou em revisitar a varredura da voga russa avassaladora e admitir que coube a ela, e somente a ela, a emulação negativa da *hierarquização dos rábulas e a vontade de poder como tara* (Cf. LINS, 1965, p. 246), inspiradora e propulsora de ações nefastas em solo pátrio. Entretanto, gostaríamos de deixar claro, que a referência não implica delegar responsabilidade, da eclosão de tais práticas, ao filósofo literário russo, tampouco ao intuitivo alemão. O uso, cada vez mais indigesto de ações cultivadas (cultura) nas estufas horrorosas da historiografia nacional¹⁴ – falsificação de atas eleitorais e diplomas, nepotismo, batalhões patrióticos, apostasias convenientes, sobre homens livres associados em armas, violência de gênero – estão mensagem recorrente na trilogia do São Francisco de Wilson Lins (*Os cabras do coronel, O reduto e Remanso da valentia*), e facultam orientação sobre um passado, não tão remoto, que insistimos em desdenhar sem afrontar. Observador atento do debate privilegiado que ocorria em sua casa, o *gazeador de aulas*, como se autodeclarava Lins, pode perceber a importância das justas em andamento no velho mundo (fascismo, nazismo, comunismo) e suas implicações em terras brasileiras. Católico fervoroso, pois havia sido preparado para ser padre por sua mãe, acabou sendo preterido das hostes eclesiásticas, mas não de ser fígado pela liturgia retórica dos integralistas, caricatura nefasta do fascismo tupiniquim após leitura do seu Manifesto (Cf. LINS, 1997, p. 32). “*Iniciado nas primeiras reuniões doutrinárias do Departamento de Cultura da Ação Integralista Brasileira*” ouviu, repetidas vezes, alusões ao nome de um autor alemão (Nietzsche) despertando sua curiosidade.

¹³ A alusão nietzschiana parece não deixar dúvidas a respeito do horror que se aproxima e, o mais interessante, identifica a sua procedência. O *niilismo*, por ele depois requerido, já fora anunciado pelo Filósofo Literário russo, Dostoiévski. Na sessão indicada do livro, em passagem subsequente à citação, comparece evidente as leituras que tanto o impressionaram, a saber, *Memórias do subterrâneo* (1864) e *Os demônios* (1888).

¹⁴ Partindo da Bahia, a trilogia do São Francisco de Wilson Lins é baseada nas ideias de Nietzsche e facultam compreensão acerca do uso de ideias de empréstimo. Para Lins, “A História é o saco de roupa velha da humanidade. **Assim como os panos velhos, muitas vezes, salvam situações na vida doméstica, a História resolve impasses na vida pública.** Mesmo assim, tenho as minhas dúvidas quanto à utilidade dos estudos históricos” (LINS, 1945, p. 96).

A leitura de *Assim falou Zaratustra* provocou um verdadeiro terremoto dentro de mim. **O seu niilismo arrasador** fez ruir, aos olhos da minha ignorância, todas as crenças que me acompanhavam desde o berço. Levado a conhecer Nietzsche pelas citações dos conferencistas integralistas, afastei-me do integralismo na medida em que me aprofundava na leitura do solitário de Sils Maria (Idem, p. 35).

Ao contatar os engenhos nietzschianos Wilson Lins interrompe seu vínculo com o fascismo e escreve *Zaratustra me contou....*, livro testamento em que apresenta hipóteses acerca da nossa condição. O livro teria recebido críticas de Tristão de Athayde¹⁵ e fora classificado como uma “*intoxicação livresca, surrealista*¹⁶, *com todos os defeitos, menos o da mediocridade*” (LINS, 1997, p. 35).

O trabalho se propõe contribuição ao debate acerca do acolhimento de ideias e/ou teorias filosófico literárias desde o Brasil e objetiva inventariar a formação multicultural autóctone. Como? Indagando, supeitando e receando. Com ele e a partir dele o autor indaga, se a configuração brasileira foi delineada e propalada em solo pátrio, a partir de reflexões engendradas por tenacidade própria, ou se emergiu, em decorrência de recursos empregados na implementação do humilhante projeto civilizatório. Suspeita, se tal habilidade expandiu cercanias, impulsionada por necessidades inerentes, até então desconhecidas e irresolutas, ou se estabeleceu morada a partir de engenhosa sedução mimetizada. E, receia, se a conhecença materializada (tradição) recorreu ao uso de artifícios intermediários para sua implementação, ou se manteve o aspecto formal fidedigno ao catecismo profanador da iluminação avassaladora.

Por isso, delimitamos a investigação, considerando a transposição e o acolhimento das ideias que aqui aportaram e se fizeram implícitas em manifestações de autores nacionais. Com tal gesto, acreditamos fornecer argumentos auxiliares na elucidação dos acontecimentos pertencentes à nossa condição e ao nosso mundinho, interpelados e

¹⁵ Alceu Amoroso Lima foi um crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico brasileiro. Foi conde, pela Santa Sé. Adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Acerca da missão dos intelectuais brasileiros e seu papel, em conferência pronunciada em Belo Horizonte, intitulada – *O caminho percorrido* –, Oswald de Andrade se manifesta acerca do crítico: “O inimigo está vido e ainda age. Nada mais oportuno que citar o desmascaramento provocado pela sinceridade de um político continental, o qual colocou como ideólogos do neofascismo americano, no mesmo balaio, o Sr. Plínio Salgado e o Sr. Tristão de Athayde” (ANDRADE, 1972, p. 99).

¹⁶ O surrealismo constituiu movimento literário e artístico, lançado em 1924 pelo escritor francês André Breton 1896-1966, que se caracterizava pela expressão espontânea e automática do pensamento (ditada apenas pelo inconsciente) e, deliberadamente incoerente, proclamava a prevalência absoluta do sonho, do inconsciente, do instinto e do desejo e pregava a renovação de todos os valores, inclusive os morais, políticos, científicos e filosóficos.

entrelaçados a partir de nosso *primitivismo nativo*. Com tal propósito, não pretendemos reinventar a roda, mas buscar os rastros deixados no escorregadiço percurso que implica o achamento, a colonização e a subjugação dos povos autóctones, visando apropriar-se de elementos e informações que facultem estabelecer o liame dos fundamentos teóricos que forjaram, adestraram e conferiram direção ao nosso processo (*de*)formativo hodierno (cultura, educação, religiosidade e política). Frente ao exposto, permitirmo-nos certa disposição, que inquiria e afronte os sentidos e significados presentes em expressões como, independência do Brasil, violência, nacionalismo, ferramenta religiosa e niilismo mas, principalmente, às decorrências políticas resultantes de decisões tomadas sob o fundamento de plantas de estufa (ideias artificiais) introjetadas às avessas, que revelam a triste face de um “modo de estar” conciliador e tolerante com o aviltamento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. Ponta de lança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

ANSELL-PEARSON, Keith. Nietzsche como pensador político. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CABRERA, Julio. **DEVORANDO NIETZSCHE**: por um niilismo sul-americano. Ibicará: Via Litterarum, 2022.

CAMUS, Albert. A peste. Rio de Janeiro: Record, 1993.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. Os demônios. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

LINS, Wilson. 12 Ensaio de Nietzsche. Salvador: O Imparcial, 1945.

_____. O reduto. São Paulo: Livraria Martins, 1965.

_____. **APRENDIZAGEM DO ABSURDO**: uma casa após a outra: memórias. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. Ecce Homo. Milano: Adelphi, 2004.

_____. Lettere da Torino. Milano: Adelphi, 2008.

ROSA, Guimarães. Sagarana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946-1971.

_____. **GRANDE SERTÃO**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.